



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}\text{C}$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

A MATERIALIZAÇÃO DA MORTE EM BUCELAS ENTRE OS SÉCULOS XV E XIX. RITUAIS, SEMIÓTICA E SIMBOLOGIAS

Tânia Casimiro¹, Dário Ramos Neves², Inês Costa³, Florbela Estevão⁴, Nathalie Antunes-Ferreira⁵, Vanessa Filipe⁶

RESUMO

Entre Maio de 2018 e Dezembro de 2019 foi identificado e escavado um contexto cemiterial em Bucelas (Loures), datado entre os séculos XV e XIX. Esta necrópole estaria possivelmente associada à Capela do Espírito Santo, atualmente desaparecida. Muitas das histórias acerca deste sítio ainda estão por contar, sobretudo as relacionadas com a cultura material associada às inumações. Os artefactos mais comuns são as contas, em osso ou vidro, seguidas por alfinetes, fivelas, colchetes, botões e numismas, mas também pendentes, anéis, brincos e pulseiras. Por que razão, num contexto religioso em que o cânone indicava que as exéquias deveriam ser desprovidas de materialidades, essas regras não foram cumpridas? E qual a importância económica, social, cultural e simbólica destes objetos?

Palavras-chave: Necrópole; Artefactos; Simbologia; Exéquias.

ABSTRACT

Between May 2018 and December 2019, a cemetery context was identified and excavated in Bucelas (Loures), dating from the 15th to the 19th century. This cemetery may have been related to the once-existing Espírito Santo Chapel. Many of the tales of this place and these people are yet to tell, especially the ones related to the material culture associated with burials. The most frequent artefacts are bone and glass beads, pins, buckles, buttons, coins, pendants, rings, and bracelets. Why were these rules challenged in a religious context, where people were supposed to be buried with no items? And what is such artifacts' social, cultural, and symbolic importance?

Keywords: Necropolis; Artefacts; Symbols; Burial rituals.

1. INTRODUÇÃO

A explicação para a presença de artefactos em contextos de inumação varia de acordo com diversos fatores. Perguntas como «por que foram lá colocados?» e «o que significavam?» terão respostas bem mais complexas e variadas das que, por norma, são dadas em torno do «como?», «quando?» ou «onde?», com as quais a arqueologia mais tradicional tende a ficar satisfeita. Para o propósito deste tra-

balho, o objetivo é o levantamento de problemáticas que permitam inferir sobre a presença de artefactos associados às inumações efetuadas numa necrópole em Bucelas (Loures), durante a Idade Moderna (séculos XV-XIX), e de que forma a “materialização da morte” permite conhecer melhor os comportamentos e identidades desta comunidade, tanto do ponto de vista individual como coletivo.

A morte, o derradeiro destino para uns e o começo de uma nova existência para outros, assumiu e as-

1. FCSH-UNL CFE-HTC-IAP / tmcasimiro@fcs.unl.pt

2. IAP – FCSH-UNL / dario.ramosneves@hotmail.com

3. Cota 80.86 / inesmagridap@hotmail.com

4. CML-DPCB | UPM IHC – FCSH-UNL / florbela_estevao@cm-loures.pt

5. CiiEM, LCFPEM, Egas Moniz School of Health and Science / naferreira@egasmoniz.edu.pt

6. Cota 80.86; IAP-FCSH-UNL / vanessafilipe@cota8086.pt

sume diferentes dimensões significativas que dependem de fatores culturais, simbólicos, sociais ou mesmo económicos e que mudam de acordo com o local e tempo (Pearson, 1999). A religião será uma das grandes super-estruturas, a par de outras com menor impacto que estarão na base dos comportamentos das sociedades na sua relação com a morte. No caso de Bucelas, estamos perante uma comunidade católica. Uma comunidade que lida com a morte como se de uma passagem se tratasse e existiam regras. Entre as quais, o despojamento de todos os bens terrenos, para que a alma, no seu encontro com o criador, surja o mais pura possível. O corpo seria lavado e envolto numa mortalha, depositado no solo, voltando à terra, de onde veio (Alexandre-Bidon, 1993). Então, numa sociedade onde a religião se assume como uma das mais importantes estruturas comportamentais, por que razão pessoas desafiariam estes cânones para levarem consigo determinados artefactos?

Foram recuperados 172 artefactos na necrópole de Bucelas associados a 30 enterramentos, a maior parte correspondendo a contas. A forma como este trabalho analisará estes objetos baseia-se na relação de quase dependência que se estabelecia entre o portador do objeto e o próprio objeto, como se os dois agentes, através da influência que exerciam um sobre o outro, se tornassem quase um único agente, numa relação de *entanglement* (Hodder, 2012). A maneira como estes objetos eram incorporados na relação com a morte revela práticas sociais de identidade individual e coletiva, fundamentais enquanto recetáculos de emoções.

Os bens de sepultura podem divergir em várias categorias, entre elas objetos pessoais, religiosos, e ainda supersticiosos. Não se pode, contudo, excluir a hipótese de um objeto possuir mais do que um significado, servindo, da mesma forma, para representar diversos ramos de relações entre os indivíduos e a materialidade. Estamos perante o que Binford (1962) classificou como artefactos simultaneamente socio-técnicos e ideotécnicos.

2. CONTEXTO HISTÓRICO E ARQUEOLÓGICO

A queda de um muro de contenção de terras em pleno núcleo antigo da vila de Bucelas, em Abril de 2018, obrigou à realização de uma escavação de emergên-

cia, uma vez que a derrocada expôs alguns restos osteológicos humanos, isto é, parte de uma antiga necrópole⁷. A necessidade de repor um novo muro de contenção em betão implicou a execução prévia de trabalhos arqueológicos na zona de afetação⁸.

Importa também salientar, para melhor contextualizar os resultados obtidos pela investigação arqueológica, que a área abrangida pela escavação afetou não só parte da Rua Marquês de Pombal (troço da EN 115), como também o Largo do Espírito Santo, espaço urbano dominado pela Igreja Matriz de Nossa Senhora da Purificação, templo que se destaca no conjunto da povoação pelo seu volume e posição dominante. Assim, as escavações arqueológicas, tendo incidido na área de construção do novo muro de suporte, mais potente que o anterior, foram implantadas na zona poente do largo e em área lateral, a norte da igreja matriz (Fig. 1).

A pesquisa documental permitiu recolher informações sobre as várias alterações que este espaço urbano, uma das centralidades da vila, sofreu ao longo dos séculos. Até aos inícios do século XX, o largo do Espírito Santo estava devidamente murado e no seu perímetro albergava dois edifícios religiosos: a igreja matriz de Bucelas e a Capela do Espírito Santo, incluindo os dois adros e zona de sepultamento. Com a publicação das leis de 1835 e 1844 que proibiam os enterramentos dentro dos edifícios religiosos e sua envolvente, obrigando por isso à criação de Cemitérios Públicos⁹, o largo perdeu a sua função cemiterial, passando a ser uma zona ajardinada ampla. Foi também nesta fase de reconfiguração urbana que a Capela do Espírito Santo foi demolida. Assistiu-

7. A intervenção arqueológica de emergência foi promovida pela Câmara Municipal de Loures e decorreu entre 16 de maio de 2018 a 17 de dezembro de 2019. A zona intervencionada compreendeu a área de afetação da obra de construção do novo muro, bem como da respetiva sapata fundacional (Processo na DGPC nº 2018/1(212) (C.S:173247).

8. Sobre os resultados arqueológicos sugerimos o seguinte artigo: Estêvão, Florbela; Antunes-Ferreira, Nathalie; Neves, Dário Ramos; Lisboa, Inês (2020) – Intervenção Arqueológica na Rua Marquês de Pombal/ Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures). Arqueologia em Portugal/2020 – Estado da Questão. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM, pp. 1677-1690.

9. Lei publicada a 21 de setembro de 1835, no Diário do Governo, por iniciativa de Rodrigo da Fonseca Magalhães (o Decreto-Lei nº 442205).

-se, pois, entre os finais do século XIX e os inícios do século XX, a uma importante modificação dessa zona central da vila de Bucelas. Se durante as épocas Medieval e Moderna o cemitério estava inserido no núcleo da malha urbana, onde vivos e mortos “conviviam” partilhando o mesmo espaço simbólico, no século XIX, a morte foi aqui, como em muitos outros lugares, afastada para a periferia ou limites da zona urbana, em defesa da salubridade pública e da necessidade de observação de normas sanitárias, atitude que se enquadrava nas preocupações higienistas dessa época.

Conhecendo a localização dos dois edifícios religiosos, podemos afirmar que a área intervencionada encontrava-se num dos limites dessa grande zona que incluía os templos e os seus adros e mais próxima do local da antiga Capela do Espírito Santo. Todavia, considerando o carácter relativamente limitado da zona afetada pela obra e a informação coligida durante os trabalhos arqueológicos, não podemos delimitar com clareza os limites das áreas sepulcrais de ambos os templos, e se elas, em determinado momento, se terão parcial ou totalmente sobreposto.

Embora a Capela do Espírito Santo não exista na atualidade, conseguimos circunscrever aproximadamente o seu antigo local de implantação e conhecemos o imóvel demolido recorrendo a algumas fotografias antigas e a documentos (Figs. 2 e 3). Por conseguinte, o edifício apresentava uma galilé rasgada nos três lados por arcos de volta perfeita, uma nave e um corpo mais pequeno correspondente à capela-mor. Há também uma breve descrição no conhecido Guia de *Portugal* de Raul Proença que menciona o seguinte: “A ermida do Espírito Santo, onde está hoje o teatrinho da povoação, é um bom espécime das ermidas quinhentistas do termo de Lisboa, com silhar de azulejos joalharia da transição do séc. XVI para o XVII. O teto da capela-mor (hoje palco) é de abóboda polinervada do séc. XVI” (Proença, 1924:475).

Ora, a antiga capela após a instauração da República ficou fechada por algum tempo, como também aconteceu com a igreja matriz, mas ao contrário desta última nunca mais reabriu com função religiosa. O imóvel foi ainda aproveitado como espaço de recreio albergando um teatro amador. A falta de manutenção e a consequente deterioração do edifício justificaram a sua demolição na segunda década do século XX. Da capela ainda subsiste um retábulo

quatrocentista da Santíssima Trindade, dedicado à chamada “descida do Espírito Santo”¹⁰, policromado, atualmente depositado no interior da matriz. Este retábulo é também aludido no *Dicionário Geográfico* do Pe. Luís Cardoso como “(...) hum retabolo de huma só pedra, com as Imagens do padre Eterno, Christo crufificado, o Espírito Santo, os doze Apostolos, e dous Anjos com dous turíbulos, tudo da mesma pedra: dentro da Capella mor está huma capellinha com a Imagem de Christo cruxificado, muito milagrosa. Os moradores desta terra havendo falta de agua, sahem com ella em procissão. Junto desta Ermida está um Hospital donde se recolhem os pobres mendicantes, e Religiosos passageiros, para huns, e outros há camas determinadas: he administrado pelo Juiz, e mais officiaes da Confraria do Espírito Santo” (Cardoso, 1751:298). Esta imagem de Cristo Crucificado também se salvou e faz parte do conjunto das imagens sagradas da matriz de Bucelas.

É sabido que tanto as confrarias como as irmandades do Espírito Santo desenvolveram uma ação assistencial importante, nomeadamente assegurando o funcionamento de pequenos hospitais ou albergarias destinadas a peregrinos, religiosos ou pessoas pobres. Junto à capela, numas casas anexas funcionou um hospital, também designado nos documentos como albergaria. O hospital de origem Medieval recebia, no século XVI, além de religiosos e peregrinos, os doentes muitos pobres que aí acabavam por falecer como nos certificam alguns registos de óbito desse período. Nos livros de registo de óbitos da paróquia de Bucelas, datados da segunda metade do século XVI, existem referências a vários indivíduos que faleceram no citado hospital. No entanto, no século XVIII as *Memórias Paroquiais* mencionam que o mesmo apenas servia à época de pousada a peregrinos, tendo perdido um pouco da sua função de assistência a doentes pobres.

É possível que a origem do Hospital do Espírito Santo e respetiva ermida ou capela esteja numa “Albergaria pera pobres” criada por Gil Esteves Fariseu, cavaleiro e morador em Lisboa, em 1396. Este terá deixado em testamento uma Quintã que possuía em Bucelas para esse propósito (Mendes, 2018:126). Os

10. Para mais informação sobre esta peça única e de grande valor histórico-artístico sugerimos o artigo de Carla Varela Fernandes (2018) - Património deslocado: o antigo retábulo da capela do Espírito Santo de Bucelas, pp. 37-65.

bens deste hospital, à semelhança dos restantes hospitais do Termo de Lisboa acabaram por ser incorporados no Hospital Real de Todos-os-Santos em abril de 1479 (Ribeiro, 1903:203), pelo Breve de Sisto IV. Este testamento atesta a existência tanto do hospital como da ermida desde finais do século XIV.

Quanto à Confraria do Espírito Santo as fontes arquivísticas informam que no século XVI esta instituição era legatária de várias doações deixadas por benfeitores (Mendes, 2018:126). No século seguinte, o seu compromisso foi confirmado em 16 de junho de 1603 por Alvará do rei D. Filipe II (Mendes, 2018).

Relativamente à igreja matriz de Bucelas, e não excluindo a possibilidade de ter existido no mesmo local um templo anterior ao atual edifício, sabe-se que o corpo da igreja estava concluído em 1566, conforme atesta a inscrição sobre o portal lateral do lado do Evangelho. A documentação assegura que em 1569 a capela-mor foi sagrada por D. Jorge de Ataíde, bispo de Viseu (Vilaverde, 2018:13). Outra inscrição presente numa lápide na sacristia, onde consta a data de 1573 poderá indicar o momento de finalização das obras no templo, todas elas, portanto, realizadas na segunda metade do século XVI. O livro mais antigo que se conhece da paróquia de Bucelas é um registo de batismo de 1564. Existe, contudo, uma referência documental que devemos considerar e que indica a presença de uma Confraria de Nossa Senhora da Purificação ou de Santa Maria de Bucelas em 1220, portanto do século XIII (Mendes, 2018:124).

O “campo santo” associado quer à capela, quer à matriz foi o destino de muito dos defuntos pertencentes à paróquia de Bucelas, especialmente os mais pobres que não tinham possibilidades de serem inumados no interior dos templos.

Importa igualmente reter que a intervenção arqueológica abarcou apenas uma parte da necrópole cristã dos séculos XV-XIX, eventualmente podemos recuar até ao século XIV se tivermos em consideração as datas mencionadas em fontes documentais relacionadas com a edificação do hospital e possível capela. Os trabalhos arqueológicos revelaram vários níveis de inumações distribuídos por uma ampla diacronia, com deposições primárias e secundárias, assim como a existência de ossários, alguns de grande dimensão.

3. ANTROPOLOGIA FUNERÁRIA E PALEOBIOLOGIA

Os remanescentes humanos foram recuperados nas camadas 3 e 4 (Estêvão et al., 2020; Estêvão e Antunes-Ferreira, 2022). No espaço sepulcral registou-se a coexistência de dois tipos de sepulturas: (1) simples fossas e (2) sepulturas tendencialmente retangulares delimitadas por esteios em pedra calcária (Antunes-Ferreira, 2022) (Fig. 4).

Identificaram-se 157 inumações primárias, assim como pelo menos 352 indivíduos nas inumações secundárias (dois ossários) e 78 nas reduções ósseas (Antunes-Ferreira, 2022). As inumações primárias sobrepostas, os esqueletos parcialmente articulados e os conjuntos de ossos desarticulados são reveladores da intensa (re)utilização deste espaço e da eficiência dos coveiros na sua gestão. Os remanescentes dos ocupantes mais antigos eram desviados para permitir novas inumações. Em várias situações preparava-se a área que se pretendia ocupar, sem se exumar a totalidade do ocupante mais antigo, encontrando-se, por conseguinte, esqueletos parcialmente articulados. Os ossos desarticulados das inumações mais antigas eram arrumados ao lado ou por cima do corpo do defunto recente, bem como aos pés e cabeceira da sepultura, caracterizando as reduções ósseas. A deposição do ocupante mais recente sobre o mais antigo foi também uma solução recorrente. A identificação dos dois ossários datados nos séculos XVII e XVIII revelou que os ossos de antigas inumações primárias eram recolhidos e levados para essas fossas. Em suma, esta necrópole, à semelhança de outros espaços sepulcrais Medievais e Pós-Medievais, foi intensamente reutilizada durante séculos, mas gerida eficientemente pelos coveiros, de forma a receber o maior número de sepultamentos numa extensão limitada de terreno (Antunes-Ferreira, 2022).

Os indivíduos, salvo duas exceções, foram colocados na sepultura em decúbito dorsal com as mãos sobre o peito, região abdominal ou pélvica e pernas estendidas. Foram orientados a oeste-este, de acordo com a orientação canónica, de frente para a entrada da capela, ou raramente assumindo a orientação este-oeste (Antunes-Ferreira, 2022).

A análise paleobiológica foi realizada para os indivíduos das inumações primárias e das reduções ósseas. Verifica-se uma superioridade numérica de

indivíduos do sexo masculino e a representatividade de todas as classes etárias, desde fetos a idosos. Nas inumações primárias a estimativa do sexo permitiu identificar 59 indivíduos do sexo masculino, 33 do sexo feminino, registando-se seis casos de sexo indeterminado. Nas reduções ósseas registaram-se 22 indivíduos do sexo masculino, 12 do sexo feminino e 23 foram classificados como sexo indeterminado devido à sua baixa representatividade óssea. Quanto à idade à morte, nas inumações primárias estão representados 98 adultos e 59 não-adultos, enquanto nas reduções ósseas contabilizaram-se 57 adultos e 21 não-adultos. No que concerne à estatura (com referência ao comprimento fisiológico do fémur) a média masculina é de 164,65 cm e a feminina 157,56 cm. Identificaram-se, igualmente alguns indivíduos com possíveis afinidades populacionais africanas. Por fim, as alterações ósseas patológicas mais representadas nesta amostra são as cáries, perda de dentes ante morte, lesões orais periapicais, condições infecciosas não específicas, lesões nas áreas das enteses e fraturas (Antunes-Ferreira, 2022).

4. OS OBJETOS QUE CONTAM HISTÓRIAS

A escavação do contexto cemiterial do Largo do Espírito Santo, em Bucelas, revelou vários níveis de inumações atribuíveis a diferentes sequências cronológicas, demonstrando, por isso, uma intensa ocupação daquele espaço ao longo de algumas centúrias. Enquanto as covas de sepultura abertas na Camada 3 são datáveis de finais do século XVII a XIX, as que foram escavadas na Camada 4 correspondem a um nível anterior, atribuído, grosso modo, aos séculos XV-XVI.

A cultura material associada aos enterramentos permite desenvolver conhecimento não apenas sobre os indivíduos inumados, mas igualmente sobre a comunidade onde estes se inserem. Neste caso em específico, das 157 inumações primárias identificadas na necrópole da Capela do Espírito Santo, em Bucelas, 30 permitiram a recolha de espólio, o que corresponde a 19,1% do total (Tabela 1).

Nos objetos pessoais, ou seja, artefactos de utilização quotidiana ou ocasional, de carácter pessoal e individual, enquadram-se ornamentos, adornos, símbolos de poder ou de beleza (Portillo, *et al.*, 1923-1998, p.104). Destes, foram encontrados um anel de vidro e um par de brincos, ambos associados a uma

inumação de um indivíduo não-adulto (ESQ-39). O anel, de forma circular, possui uma conotação com o sentimento de continuidade e de eternidade, assim como de compromisso. Os anéis eram utilizados para adornar os dedos das mãos, sendo por isso relacionados à beleza e ao adorno, mas também ao poder e à distinção. Eram manufaturados em diversos materiais, sendo o mais frequente o metal. Neste caso, o material utilizado foi o vidro negro (Roop, 2011, pp. 2-11). Os brincos serviam para adornar as orelhas, produzidos com uma grande diversidade de materiais, formas e tamanhos. Poderiam recorrer à perfuração da orelha ou ter um sistema de mola.

Nos objetos pessoais são ainda incluídos os elementos de vestuário. Destes, foram identificados botões de punhos e botões em osso, associados a um indivíduo adulto jovem masculino (ESQ-13), e um colchete, associado a um indivíduo adulto maduro/idoso feminino (ESQ-12). Os botões são por norma objetos de pequenas dimensões, com dois ou quatro furos, podendo aparentar diversas formas, sendo a mais comum e a do caso em estudo, a forma circular. Têm como objetivo apertar vestuário, no entanto, o botão pode também ser um objeto estético. Com a mesma finalidade que o botão, os colchetes são utilizados para fechar o vestuário, semelhantes a um gancho metálico, são presos numa argola ou colcheta.

Os objetos religiosos refletem a fé, a crença e os valores espirituais, representando a sociedade onde estes valores estariam inseridos. No presente estudo são interpretados como religiosos e necessariamente artefactos ideotécnicos, segundo Binford (1962), os objetos relacionados com a religião católica cristã, representados por rosários e terços e identificados pelas contas que se encontravam associadas aos indivíduos inumados.

Na necrópole aqui estudada foram identificadas diversas contas. Uma das contas de terço foi exumada na mão direita de um feto (ESQ-7); outras duas num indivíduo jovem adulto do sexo masculino (ESQ-41), uma junto à escápula e na mão esquerda; outra conta associada a um adulto maduro/idoso do sexo feminino (ESQ-42); foram ainda identificadas contas brancas na mão esquerda de um adulto maduro/idoso do sexo masculino (ESQ-16); e contas com diversas cores, brancas, pretas e azuis na área direita da região do tronco e na mão esquerda de um adulto maduro/idoso do sexo masculino (ESQ-11).

As contas são objetos de adorno, podem apresentar

diferentes formas e tamanhos, sendo as mais usuais circulares ou ovais. Estas possuíam um orifício, por onde passava um fio, permitindo uma construção de colares ou pulseiras e, neste contexto, terços e rosários. Estes artefactos, utilizados pelos fiéis na realização das orações, seriam constituídos por 50 contas pequenas e cinco contas grandes. Estas dividiam as outras em cinco partes. Entre o pendente do crucifixo e a forma fechada do terço, podiam existir outras duas contas grandes e três pequenas, correspondendo a uma terça parte do rosário de 50 Avé-Marias (Louth, 2022). As contas mais comuns são as contas em osso, ainda que as de vidro ocupem o segundo lugar nesta categoria, podendo ser brancas, azuis ou negras. A cor é um aspeto fundamental na nossa experiência enquanto indivíduos, mas também enquanto sociedade e ainda que o seu significado mude entre comunidades, nas sociedades ocidentais, o branco tende a ser aceite como cor da pureza e virtude, o azul como a cor celestial e o preto como proteção contra o mau olhar (Chevalier e Gheerbrant, 1994).

Dentro dos objetos religiosos, foi ainda identificado um pendente de colar que continha no seu interior dois fragmentos de papel que se creem serem orações, associado a uma inumação de um indivíduo do sexo feminino maduro ou idoso (ESQ-64). Neste enterramento os braços encontravam-se sobre o peito, especificamente, o antebraço esquerdo sobre a área esquerda do peito, com a respetiva mão próxima da clavícula esquerda, e, um pouco abaixo, o braço direito cruzado sobre o tórax. Efetuando-se o levantamento daqueles ossos do braço e da mão esquerda, ficou a descoberto um objeto de forma esférica, em liga de cobre, que teria sido depositado junto com o indivíduo, pelo que é de supor que o pendente permanecia naquela mão quando o corpo foi sepultado. Corresponde a uma cápsula composta por duas metades iguais, côncavas, unidas numa das extremidades por uma pequena dobradiça. Cada uma das metades tem na zona superior um pequeno aro que, na ligação de uma com a outra, permitiria a passagem de um fio, possibilitando o uso como pendente.

Em laboratório foi averiguado o interior do pendente, descobrindo-se duas pequenas tiras de papel dobradas várias vezes, associadas a pequenos ossos, confirmando tratar-se de um relicário. Cada uma das tiras de papel contém uma inscrição a tinta, muito esbatidas pelo que não foi possível decifrar o que nelas estava escrito. Estes elementos concorrem para

considerar um significado espiritual daquele objeto, desfazendo o seu uso como simples ornamento. Assim, aquele pendente teria um significado protetor e até de amuleto. Se estivesse ligado às relíquias de um santo, como parecem demonstrar a presença dos fragmentos ósseos no seu interior, a sua importância para quem os possuísse seria a do «poder sobrenatural que exerciam as relíquias», isto é, «um anteparo divino, uma espécie de campo de energia poderoso que os protegesse das investidas do mal» (Guimarães, 2012, p. 57). Neste sentido, e no contexto cristão do pós-morte, a presença do pendente pode ser considerada como proteção da alma. Não nos parece que a sua aquisição fosse fácil. Ainda que a presença de relíquias seja frequente em contextos religiosos em Portugal, são raras em contextos arqueológicos e sempre associadas a enterramentos, o comércio de relíquias não era generalizado e sempre com conotações religiosas (Grave, 2021).

Existe sempre uma grande dificuldade em categorizar os alfinetes. Enquanto objetos fundamentais no ritual funerário, não parecem possuir nenhum significado para além da função de prender a mortalha ao corpo. Em alguns casos poderiam ser utilizados para prender outras peças de vestuário. Neste contexto em estudo, foram exumados alfinetes associados a um indivíduo adulto maduro/idoso do sexo feminino (ESQ-3), a dois indivíduos adultos jovens do sexo masculino (ESQ-18 e ESQ-19), a duas crianças (ESQ-39 e ESQ-54) e a um indivíduo adulto maduro/idoso do sexo masculino (ESQ-102).

Por último, os objetos supersticiosos carregam uma conotação relacionada com uma crença ancestral que não faz parte dos padrões estabelecidos pela doutrina católica que tende a repudiar essas práticas. A prática mais comum trata-se da presença de moedas no interior das sepulturas, remontando ao costume ancestral de pagar ao barqueiro a passagem que transportaria as almas para o outro mundo. É possível que muitas das pessoas que punham as moedas nas sepulturas já nem sequer tivessem conhecimento do significado original desta prática, sendo a mesma vista apenas como uma tradição relacionada com a passagem entre a vida e a morte. No caso específico desta necrópole, foram inumados quatro indivíduos com moedas. Numa sepultura com duas crianças, a moeda encontrava-se na mão esquerda do ESQ-123 e noutra, também infantil, a moeda localizava-se na mão esquerda (ESQ-92). Num outro caso, um adolescente tinha uma moeda

na mão direita (ESQ-143) e num adulto do sexo feminino maduro/idoso a moeda encontrava-se próxima da clavícula esquerda (ESQ-147). É de notar que todas as faixas etárias se poderiam fazer acompanhar de moedas, assim como ambos os sexos. Contudo foram identificadas mais moedas junto de indivíduos masculinos.

5. CONCLUSÃO

A cultura material é “uma força criativa na construção de uma identidade cultural” tanto individual como de grupo, condicionada por estruturas mentais (Facijs, 2021, 171). Dito isto, os artefactos que eram depositados nas sepulturas – à exceção dos alfinetes – ainda que contrariando um cânone religioso que manifestava que o morto deveria regressar à terra despojado de bens materiais – também refletiam valores culturais. Eles personificam a relação dependente e de dependência dos agentes humanos e não humanos envolvidos e são fundamentais na relação com a própria morte.

São objetos com um potencial de análise extraordinário, pois fazem uma ponte entre o que era comum o suficiente para ser usado todos os dias e o que era extraordinário o suficiente para ser depositado na sepultura. Neste sentido, objetos tais como brincos e anéis podem ser interpretados como algo que certos indivíduos usavam todos os dias, nunca retiravam e vistos como extensões do próprio corpo. Quantas pessoas não usam uma aliança a vida toda sem nunca a tirar? Aqueles brincos que foram colocados desde que eramos tão novos que toda a construção da nossa identidade foi feita com a sua presença. Retirá-los significa, em alguns casos, perder parte daquilo que define a nossa própria personalidade, pelo que a sua presença no túmulo não era uma afronta aos cânones religiosos, mas a capacidade de enterrar a pessoa tal como ela era.

No entanto, esta não nos parece ser a resposta para todos os artefactos encontrados, nomeadamente aqueles com conotação religiosa, tais como os rosários/terços e o pequeno pendente relicário. Este é um tipo de materialidade diferente daquelas que aumentam a relação com o divino e neste caso tanto um objeto de valor individual como o reflexo de uma identidade de grupo.

Ainda que tenham sido identificadas 30 sepulturas com espólio associado, este número não nos permite conclusões de maior monta sobre distribuição arte-

factual por sexo ou idade. Atendendo à sua função prática, se excluirmos os alfinetes, apenas 20 sepulturas continham espólio. Dez correspondiam a adultos e dez a não-adultos, o que é muito curioso, atendendo ao facto de neste contexto social as crianças e adolescentes serem enterradas exatamente com os mesmos preceitos materiais, indicando que possivelmente não estaria associado à capacidade económica de os possuir. Ainda que o sexo seja difícil de atribuir a não-adultos, relativamente às outras dez sepulturas com espólio, seis pertenciam a indivíduos do sexo masculino com a identificação de contas e botões e quatro a indivíduos do sexo feminino. É curioso notar, ainda que um estudo à larga escala necessitasse de ser realizado para aferir a generalidade destas afirmações, que as sepulturas onde o pendente, os brincos e o anel foram identificados estão associados ao sexo feminino e os botões ao sexo masculino. Não podemos inferir se isto pode significar alguma relação com o género, mas o que podemos dizer com certeza é que a presença de contas associadas a terços e rosários não conhece nenhuma preferência entre homens ou mulheres.

Enquanto o valor intrínseco destes objetos é baixo, o seu valor simbólico é enorme. São efetuados em metais tais como o cobre, em vidro e osso e acessível à maior parte das pessoas. O seu valor não era económico, pelo que a sua presença nas sepulturas não parece marcar nenhuma diferenciação social com base na riqueza. Talvez o único objeto com valor comercial fosse o pequeno relicário, no entanto, não sabemos se aquele foi comprado por quem o possuía ou adquirido através de algum processo oblato.

A análise de bens recuperados em sepultura, apesar do fascínio que tem em nos aproximar da morte e da forma como era pensada a existência após a vida, tem de ser considerada como uma exceção. Como foi possível verificar, apenas 30 das sepulturas de Bucelas continham espólio e se consideramos que grande parte desse espólio são apenas alfinetes, algo que dificilmente poderá ser considerado como um artefacto apotropaico, a presença de objetos está longe de representar a regra. A excecionalidade da sua presença faz-nos sempre questionar porquê. Talvez aquela menina com afinidades com populações africanas (ESQ-39) sentisse que não precisava de se integrar. Talvez os pais daquelas crianças quando lhes puseram as moedas nas mãos não quisessem arriscar e mesmo já não sabendo bem porquê sabiam que colocar moedas poderiam ajudá-los a en-

contrar o caminho (ESQ-92 e ESQ-123). Talvez ser enterrado com as contas que pertenciam a algo que auxiliava nas orações nem sequer fosse mal visto. Talvez o jovem adulto do sexo masculino (ESQ-13) enterrado com botões tenha pedido ainda em vida para levar a sua camisa preferida. Sejam quais tenham sido as intenções destes indivíduos, a existência destes objetos pressupõe a sua utilidade numa existência post-mortem.

AGRADECIMENTOS

Os autores gostariam de agradecer a toda a equipa de arqueólogos e antropólogos da equipa da Cota 80-86 que trabalharam na escavação.

Tânia Casimiro é financiada pelo projeto FCT [DL57/2016/CP1453/CT0084].

BIBLIOGRAFIA

ALEXANDRE-BIDON, Daniel (1993) – Le corps et son linéul. In *A Réveiller les morts. La mort au quotidien dans l'Occident médiéval*. Lyon: Presses universitaires de Lyon, pp. 183-206.

ANTUNES-FERREIRA, N. (2022) – As descobertas realizadas: necrópole cristã (séculos. XV-XIX) – Práticas funerárias e paleobiologia dos membros da comunidade sepultados. In ESTEVÃO, Florbela, & ANTUNES-FERREIRA, Nathalie (coord.) *Intervenção Arqueológica no Largo do Espírito Santo, em Bucelas: dos sécs. I e II da Nossa Era à Revelação de Práticas Funerárias Modernas*. Câmara Municipal de Loures, pp. 53-74.

BINFORD, Lewis (1962) – Archaeology as Anthropology, *American Antiquity*, 28 (2), pp. 217-225.

CARDOSO, Luiz (1752) – *Diccionario Geografico*. Lisboa, Tomo II.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain (1994) – *Dicionário dos Símbolos*, Lisboa: Teorema

ESTEVÃO, Florbela; ANTUNES-FERREIRA, Nathalie; NEVES, Dário Ramos; LISBOA, Inês (2020) – Intervenção Arqueológica na Rua Marquês de Pombal/ Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures). *Arqueologia em Portugal/2020 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM, pp. 1677-1690.

ESTEVÃO, Florbela; ANTUNES-FERREIRA, Nathalie; NEVES, Dário Ramos, COSTA Inês; FAUSTINO, Hugo; VIEIRA, Vasco (2022) – *Intervenção Arqueológica no Largo do Espírito Santo, em Bucelas: dos séculos I a II da nossa Era (Época Romana) à necrópole moderna (Séculos XV a XIX)*. Loures: Câmara Municipal de Loures, Divisão do Património Cultural e Bibliotecas, Unidade de Património e Museologia.

ESTEVÃO, Florbela e ANTUNES-FERREIRA, Nathalie (2022) – As circunstâncias da intervenção em Bucelas e o pro-

jeto de investigação de emergência posto em prática. In Estêvão, F., & Antunes-Ferreira, N., (coord.) *Intervenção Arqueológica no Largo do Espírito Santo, em Bucelas: dos sécs. I e II da Nossa Era à Revelação de Práticas Funerárias Modernas*. Loures: Câmara Municipal de Loures, pp. 23-40.

FACIUS, Rachel (2021) – Pilgrim Badges and the Magical Middle Ages. Aspects of the Cult of Saints, Magical Thinking and Religious Identity, in NAUM, Magdalena, LINAA, Jette e ESCRBANO RUIZ, Sergio (eds.), *Material Exchanges in Medieval and Early Modern Europe. Archaeological Perspectives*, Turnhout: Brepols, pp. 143-172.

FERNANDES, Carla Varela (2018) – Património deslocado o antigo retábulo da capela do Espírito Santo de Bucelas. In FERNANDES, Carla Varela, coord. – *Igreja Matriz de Bucelas*. Lisboa: Imprimatur, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, pp. 37-65.

GRAVE, João (2021) – *Relicários portugueses em metal (séculos XVII e XVIII) Tipologias, terminologia, obras e mecenas*, tese de mestrado em Arte e Património, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

GUIMARÃES, F. P. (2012) – *Proprium sanctorum*: o culto a suas relíquias e a seus relicários. In *População e Sociedade*. Porto: CEPESE, vol. 20, pp. 53-67.

HODDER, Ian (2012) – *Entangled: An Archaeology of the Relationships Between Humans and Things*. Chichester: Wiley-Blackwell.

LOUTH, Andrew (2022) – *The Oxford Dictionary of the Christian Church*. Oxford University Press.

MENDES, Rui Manuel Mesquita (2018) – A paróquia de Bucelas no século XVIII quadros resumo, notas e apêndice documental, in FERNANDES, Carla Varela (coord) *Igreja Matriz de Bucelas*. Lisboa: Imprimatur, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, pp. 123-153.

PEARSON, Michael Parker (1999) – *The Archaeology of Death and Burial*. College Station, Texas A&M University Press.

PROENÇA, Álvaro (1940) – *Subsídios para a História do Concelho de Loures*. Loures: s.n

RIBEIRO, Victor (1903) – História da beneficência Pública em Portugal. O Instituto: jornal científico e litterario. Coimbra: Imprensa da Universidade. Vol.50.

PORTILLO, L.; MARTINS, Maria; FERREIRA, Vítor; BELCHIOR, Maria de Lurdes (1923-1998) – *Grande dicionário enciclopédico* Ediclube. Alfragide: Ediclube, D. L.

ROOP, Elizabeth (2011) – *History and Meaning of symbolic rings – a creative project*. Indiana: Dissertação de Mestrado em Artes apresentada à Universidade de Ball State University Muncie.

VILLAVARDE, Manuel (2018) – Breves notas sobre a igreja de Bucelas e o seu contexto local. In FERNANDES, Carla Varela (coord.) *Igreja Matriz de Bucelas*. Lisboa: Imprimatur, Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, pp. 8-19.

Nº	Sexo	Idade à morte	Objeto/localização	Camada
3	Feminino	Adulto maduro/idoso	Alfinete de mortalha associado ao crânio.	Camada 4
5	Masculino	Adulto maduro/idoso	Fragmento de um objeto contendo cobre (indistinguível) junto ao osso parietal / temporal direito.	Camada 4
7	–	Feto/Infante	Conta de terço na mão direita.	Camada 3
10	Masculino	Adulto jovem	Contas de pasta vítrea	Camada 3
11	Masculino	Adulto maduro/idoso	Contas de pasta vítrea na área direita da região do tronco e na mão esquerda.	Camada 3
12	Feminino	Adulto maduro/idoso	Colchete macho identificado junto da 5ª vértebra lombar. Foi encontrado um colchete fêmea no sacro desarticulado que se localizava do lado esquerdo do Indivíduo 11 e que pode pertencer ao Indivíduo 12.	Camada 3
13	Masculino	Adulto jovem	Botões de punho em ambas as áreas das articulações do pulso (ao nível do 1/3 distal dos rádios), botões em osso e cobre com punções ao lado direito do osso ilíaco.	Camada 3
16	Masculino	Adulto maduro/idoso	Contas em osso de terço do lado direito do indivíduo. Várias foram localizadas na mão esquerda.	Camada 3
18	Masculino	Adulto jovem	Alfinete de mortalha junto à crista ilíaca direita.	Camada 3
19	Masculino	Adulto jovem	Alfinete de mortalha na área interior da mandíbula.	Camada 3
20	–	Adolescente	Alfinete de mortalha sobre o sacro.	Camada 3
21	–	Criança	Fragmento de objeto contendo cobre junto da extremidade distal. de rádio esquerdo e da 3ª vértebra lombar.	Camada 4
26	–	Adolescente	Argola pequena junto ao atlas (lado esquerdo) e outra aparentemente de maior diâmetro, partida, do lado direito.	Camada 3
34	Masculino	Adulto jovem	Alfinete.	Camada 4
38	–	Infante	Objeto indistinguível na base da sepultura, sob a região inferior das costas / área dos rins.	Camada 4
39	–	Criança	Alfinete de mortalha. Par de brincos tipo argola in situ e anel em vidro num dígito.	Camada 4
41	Masculino	Adulto jovem	Conta em osso junto da escápula esquerda e na mão esquerda.	Camada 3
42	Feminino	Adulto maduro/idoso	Conta em osso	Camada 3
54	–	Criança	Alfinete de mortalha encontrado entre a escápula e costelas esquerdas.	Camada 4
64	Feminino	Adulto maduro/idoso	Pendente contendo no seu interior dois fragmentos de papel que embrulham fragmentos de ossos.	Camada 4
79 79a	–	Infante	Duas contas em osso	Camada 4
92	–	Criança	Moeda na mão direita.	Camada 3
102	Masculino	Adulto maduro/idoso	Três alfinetes de mortalha junto ao crânio.	Camada 4
106	–	Criança	Brinco junto ao crânio (lado direito).	Camada 4
123	–	Criança	Moeda na mão esquerda.	Camada 4
124	–	Adolescente	Objeto irreconhecível contendo cobre junto à escápula esquerda.	Camada 4
133	Feminino	Adulto maduro/idoso	Vidro negro	Camada 4
143	–	Adolescente	Moeda junto à mão direita e encostada à mandíbula.	Camada 4
147	Feminino	Adulto maduro/idoso	Moeda identificada ligeiramente acima do indivíduo, próxima da clavícula esquerda.	Camada 4

Tabela 1 – Lista de enterramentos com espólio.

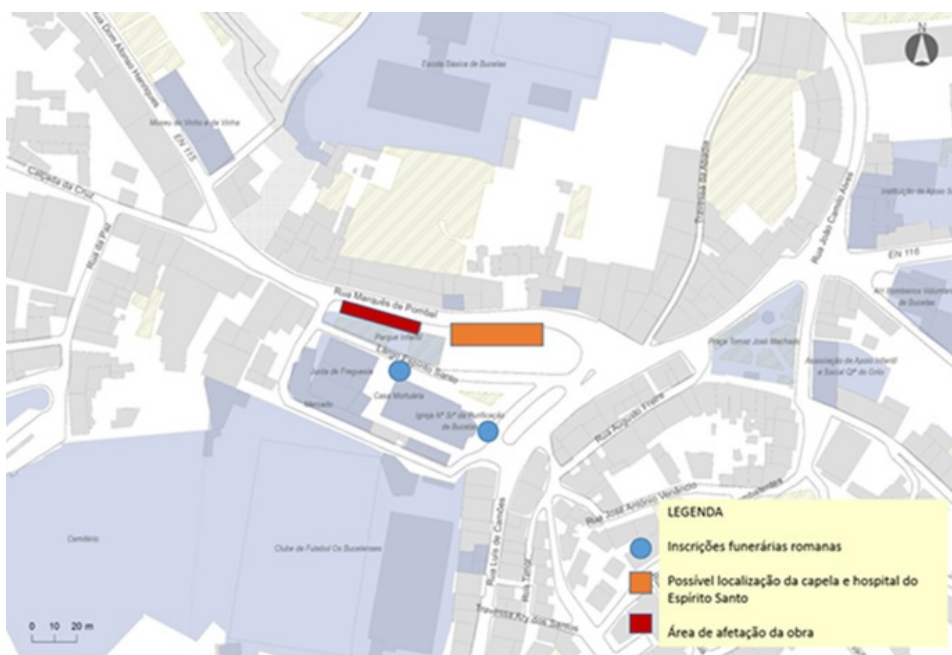


Figura 1 – Planta do núcleo antigo de Bucelas, com sinalização da zona de intervenção arqueológica e preexistências de valor patrimonial e arqueológico. O sítio arqueológico apresenta as seguintes coordenadas Lat: 38,900887 N e Long: - 9,119026 W.



Figura 2 – Vista geral da antiga capela do Espírito Santo onde se pode observar a galilé e um dos acessos com escadaria, neste caso para a atual Rua Marquês de Pombal. Fotografia dos inícios do século XX. (Centro de Documentação Braamcamp Freire / Museu Municipal de Loures).



Figura 3 – Vista do Largo do Espírito Santo onde ainda se pode observar o muro que o delimitava, com um arco que permitia o acesso ao mesmo. Em primeiro plano, à direita, parte das casas do antigo hospital e corpo da capela; em segundo plano, à esquerda a igreja matriz. Fotografia dos inícios do século XX (Centro de Documentação Braamcamp Freire| Museu Municipal de Loures).

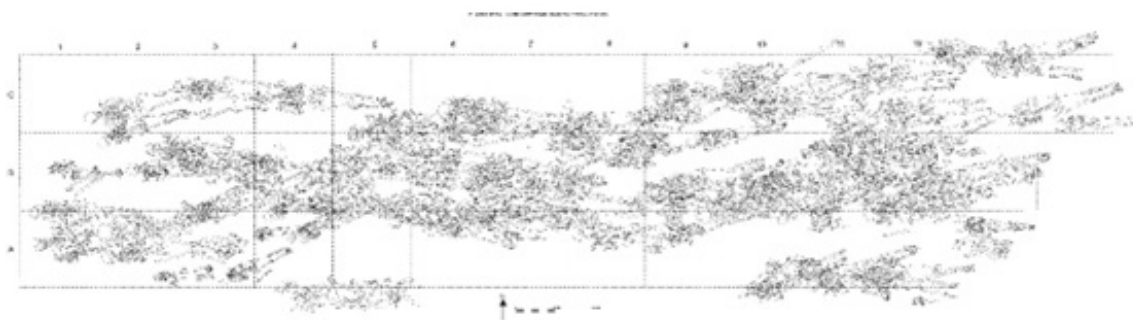


Figura 4 – Plano das inumações (desenho de Vasco Vieira).



Figura 5 – Espólio recuperado nas sepulturas.



Figura 6 – Espólio recuperado nas sepulturas.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA E ETOLOGIA
DIREÇÃO: FACULDADE DE LETRAS - UL
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

Coimbra

 **seminário
maior de coimbra**